

CIDADES CONTEMPORÂNEAS: “LÓCUS” DO CAPITALISMO PÓS-MODERNO

Ubiratan Francisco de Oliveira

bira.acg@gmail.com

Assessor de Formação Sindical da
Central Única dos Trabalhadores (CUT)

Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira

celene.barreira@uol.com.br

Profa. Dra. Programa Pós-Graduação do
Instituto de Estudos Sócio-Ambientais
Universidade Federal de Goiás

RESUMO

As cidades da/na sociedade contemporânea expressam, das mais variadas formas e dimensões, a organização social de seus sujeitos. Mais que isso, elas expressam a estrutura do sistema produtivo ao qual elas estão inseridas como sedes burocráticas desse sistema, o lugar do comando e da organização da produção capitalista. Se há uma rede mundial que organiza o sistema capitalista, essa rede só é possível por conta das cidades. Elas são os nós da rede produtiva contemporânea, donas de uma estrutura de transmissão de informações e produção de conhecimentos jamais tidos na história da humanidade. Contudo, a velocidade com a qual evolui esse sistema, as cidades proporcionam uma imensidão de problemas relacionados com espaço, tempo e sujeitos. Contraditórios e multifacetados, eles proporcionam várias formas de territorialização nas cidades dos guetos, dos recantos, do trabalho, da arte, da cultura e, sobretudo, da hegemônica força da economia sobre essas dimensões sociais.

Palavras Chave: Cidades, Capitalismo, Pós-Modernidade, Rede, Sociedade

CONTEMPORARY CITIES: “LOCUS” OF POST-MODERN CAPITALISM

ABSTRACT

The cities of/in contemporary society express, in various shapes and dimensions, the social organization of their subject. More than that, they express the structure of the production system to which they are entered as technicalities place of that system, the place of the command and of the organization of capitalist production. If there is a worldwide network that organizes the capitalist system, this network is only possible on account of cities. They are the nodes of contemporary production, proprietary of a structure of transmitting information and knowledge production ever taken in the history of mankind. However, the speed at which evolves this system, the cities provide a multitude of problems related to geographic spatial, time and subject. Contradictory and multi-pronged, they provide various forms of territorialisation in cities of ghettos, Nooks, work, art, culture and, above all, of the hegemonic power of economy on these social dimensions.

Keywords: Cities, Capitalism, Postmodernity, Network, Society

INTRODUÇÃO

As cidades contemporâneas, mais que em qualquer outro momento da história, se constitui no espaço essencial para a existência do sistema capitalista. As cidades, que já foram o espaço religioso e político, assumem de vez o lugar do mercado para, com o advento da Revolução Industrial, se tornar a essência do sistema produtivo vigente por meio da intensificação do processo de urbanização das sociedades agrárias. Hespanhol e Hespanhol (2006) destacam:

Recebido em 03/0/2010
Aprovado para publicação em 20/07/2011

Até a Revolução Industrial, o campo era auto-suficiente, pois além de garantir a subsistência da sua população e o abastecimento alimentar das cidades, possuía um modo de vida particular. A partir da Revolução Industrial, as cidades ampliaram significativamente o seu nível de importância e passaram a exercer maior centralidade em razão da concentração das atividades industriais, comerciais e de serviços, ampliando a oferta de postos de trabalho, o que motivou o deslocamento do campo para as cidades. (HESPANHOL, HESPANHOL, 2006, p. 134)

A urbanização fez com que o campo perdesse, ao longo dos tempos, a condição de centro econômico e cultural para as cidades (HESPANHOL & HESPANHOL, 2006). Nesse sentido, a urbanização está intrinsecamente relacionada com a hegemonia das cidades sobre o campo, principalmente a partir da instauração da sociedade moderna.

O avanço capitalista pelo mundo, proporcionado pela evolução tecnológica da revolução industrial, fez-se expandir sua lógica socioespacial para todos os países dominados pelo capital industrial hegemônico. Os chamados países subdesenvolvidos da metade do século XX, chegam no início do século XXI como países emergentes por conta das mudanças ocorridas na forma de apropriação capitalista de seus territórios, com maior investimento em tecnologia, fluxos de capital e pessoas.

Esse processo fez-se junto ao processo de urbanização da sociedade contemporânea, se constituindo este em fenômeno essencial para a expansão capitalista pelo mundo. Uma sociedade urbana e dominada pelo mercado e pelo liberalismo exacerbado. Como podemos fazer uma leitura das cidades contemporâneas a partir de suas relações com desenvolvimento capitalista? Que sujeitos constituem essas cidades? Quais os seus sistemas complexos que engrenam sua estrutura funcional? A cidade como espaço da sociedade pós-moderna, denominada assim por Harvey (2009). A cidade dos fixos e fluxos, da teoria de Santos (2008b) ou do sistema de objetos e ações, também de Santos (2008b). Seriam, essas cidades, uma evolução da teoria das localidades centrais de Christaller, segundo Corrêa (2005)? As cidades dos "espaços *esquizofrênicos*", de Castells (2003) é também produto do neo-liberalismo moderno como essência do capitalismo contemporâneo?

Buscaremos aprofundar essas provocações no intuito, não de responder essas questões, mas de instigar mais ainda a pesquisa sobre o papel das cidades na engrenagem do capitalismo contemporâneo.

A URBANIZAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA

Associar o processo de urbanização dos países emergentes ao desenvolvimento capitalista mundial é algo que se tornou regra geral nas ciências contemporâneas que estudam esses fenômenos sociais. Não é por menos que essa associação é uma constante nas obras acadêmicas. As cidades existem antes do sistema capitalista, contudo, na contemporaneidade o sistema capitalista às têm como seu principal espaço de auto-reprodução. As cidades européias do sistema feudal se constituíam apenas em "assessórios" dos mesmos, eram apenas o local de "troca do excedente alimentar produzido do campo" (SPOSITO, 2008, p. 31). No sistema capitalista elas deixam de ser assessórios para se tomarem a essência do próprio sistema.

Acontece é que com o fortalecimento das trocas nas cidades medievais, estas se tornavam cada vez mais o lugar de aglomerações de pessoas e isso foi se constituindo em elemento importante de transformação da sociedade e do sistema produtivo. O crescimento mercantil que se deu com a expansão marítima fez das cidades não apenas o lugar das trocas de alimentos, mas também de muitos outros tipos de mercadorias. Foi inevitável a criação de moedas e a utilização de jóias preciosas como principais mecanismos mercantis de valor agregado aos produtos e à mão-de-obra.

Contudo, as cidades comerciais ganharam forma e conteúdo a partir da ocupação do entorno das antigas cidades muradas e protegidas que existiam antes da ascensão burguesa. Eram exatamente os burgos que se constituíram em cidades comerciais com o fortalecimento do mercantilismo pela Europa e oriente (*ib idem*). Esse caráter mercantil foi dando forma à uma sociedade cada vez mais urbana, mas ainda com intensas relações de dependência com o campo. Situação que se sustentou até o início da Revolução Industrial no século XVII que se consolidou na metade do século XVIII.

A Revolução Industrial chega pra colocar as cidades de uma vez por todas como o lugar da sustentação e da expansão do sistema capitalista. Nesse sentido, elas são multiplicadas por todo o planeta e se constituindo cada vez mais no lugar hegemônico das sociedades modernas e contemporâneas. A hegemonia econômica que se tinha no campo com a concentração do principal meio de produção – a terra – migrava-se para as cidades com o advento da máquina a vapor que produzia mercadorias em grande escala e monopolizava o comércio e o serviço dos grandes centros urbanos.

Hoje, a hegemonia das cidades como espaço de controle do sistema produtivo, faz delas também espaços de reprodução de uma sociedade industrial capitalista que concentra os meios de produção e riquezas nas mãos de uma elite burguesa, que se instaurou no mundo desde a transformação do mundo feudal em mundo capitalista. Mas, como se dá essa reprodução e expansão capitalista nas cidades contemporâneas? Que mecanismos são utilizados para que tais fenômenos aconteçam? Qual a cara dessa sociedade urbana, capitalista e industrial dos séculos XX e XXI?

A EXPANSÃO CAPITALISTA E AS CIDADES MODERNAS

A Revolução Industrial se tornou um processo irreversível e sua evolução é cada vez mais avassaladora para qualquer tipo de tentativa contra-hegemônica a este sistema produtivo da sociedade contemporânea. As tecnologias produzidas proporcionaram um sistema de comunicação e transporte não apenas de bens materiais e de pessoas, mas de bens imateriais que constituem o chamado “sistema de objetos e ações” tão mencionado por Milton Santos no final do século XX.

Esse sistema de “objetos e ações” se reproduz por meio de um sistema de redes que proporciona a expansão da sociedade hegemônica pelo mundo (SANTOS, 2008). Já para Lefebvre (2001) essa expansão é apenas a reprodução e consolidação da “sociedade industrial” pelo planeta, contudo, essa sociedade industrial faz com que as cidades avancem sobre os campos e os deixam cada vez mais dependentes de sua lógica de funcionamento e existência. Sendo assim, se a urbanização que antes estava associada apenas ao espaço das cidades, hoje ela se expande também para o campo e temos com isso, um campo urbanizado. Para Graziano da Silva (2005), é assim que se constitui o “novo rural brasileiro”: em um campo urbanizado, comprovando a teoria de Lefebvre (idem).

Em análise realizada sobre a Teoria das Localidades Centrais de Christaller, Corrêa (2005) diz que a espacialização da produção capitalista se faz necessariamente nas cidades por conta da divisão social e territorial do trabalho e suas relações com a produção, organização e distribuição de bens e serviços. Para ele, os estudos de Christaller sobre a função das cidades no sistema capitalista revelam que estas são fundamentais para que ocorra a circulação de bens materiais e imateriais – condição de sustentação do capitalismo. Corrêa (idem) afirma que as cidades pré-capitalistas se constituíam em centros comerciais não integrados, dessa forma não se tinha como desenvolver redes de integração que possibilitassem este fluxo de bens materiais e imateriais e dessa forma, proporcionar a expansão e consolidação do sistema capitalista por meio das redes urbanas, afirma o autor:

Entre produção e consumo capitalista se estabelece a distribuição que passa, sob a égide do capitalismo, a desempenhar papel crucial na sociedade e em sua organização espacial. A organização espacial da distribuição que emerge, fundamentada na divisão social e territorial do trabalho, na existência de uma massa predominantemente assalariada, e na articulação entre diferentes áreas produtoras, tem como locais as cidades que se interligam através do comércio atacadista, varejista e dos serviços. (CORRÊA, 2005, p. 18).

Dessa forma, se as cidades são os locais da divisão social e territorial do trabalho, bem como, da massa predominantemente assalariada, do fluxo atacadista, varejista e de serviços, ela é, predominantemente o lugar do capitalismo moderno. Este conjunto de elementos que constituem o espaço das cidades e a transforma no espaço do capitalismo é dividido por Santos (2008: 85) em fixos e fluxos:

O espaço é, também e sempre, formado de fixos e fluxos. Nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas. Tudo isso, junto é o espaço.

Os fixos que atraem fluxos podem ser traduzidos na infra-estrutura implantada nas cidades contemporâneas para a produção e reprodução capitalista, por meio de redes estabelecidas entre as mesmas. Instrumentos que proporcionam o aumento considerável da mais-valia sobre a classe trabalhadora e proletária, associando assim, as obras de Santos (Op. Cit) e Corrêa (2005, p. 20), quando este diz:

Como a realização da mais-valia, base para o processo de acumulação capitalista, se concretiza no mercado distribuidor, isto é, onde se verifica o ato de aquisição de produtos para o consumo final, e que no capitalismo este mercado distribuidor organiza-se em um territorialmente amplo, complexo e diferenciado sistema de distribuição, isto é, a rede de localidades centrais, pode-se afirmar que esta rede constitui-se em uma estrutura territorial necessária ao processo de acumulação capitalista.

Essa rede de localidades centrais só é possível de ser constituída por um “sistema de engenharia” formado pelos fixos e fluxos (SANTOS, 2008: 86).

Os fixos nos dão o processo imediato do trabalho. Os fixos são os próprios instrumentos d trabalho e as forças produtivas em geral, incluindo a massa dos homens². Não é por outra razão que os diversos lugares, criados para exercitar o trabalho, não são idênticos e o rendimento por eles obtido está em relação com a adequação dos objetos ao processo imediato de trabalho. Os fluxos são o movimento, a circulação e assim eles nos dão também a explicação dos fenômenos da distribuição e do consumo. Desse modo, as categorias clássicas – isto é, a produção propriamente dita, a circulação, a distribuição e o consumo – podem ser estudadas através desses dois elementos: fluxos e fixos.

Ao associar o social com o natural na composição do espaço, Santos (Op. Cit.) diz que “o conjunto de fixos, naturais e sociais, forma sistemas de engenharia, seja qual for o tipo de sociedade.” (p. 87). Seja na análise das redes de localidades centrais, de Corrêa, ou na leitura dos fixos e fluxos, de Santos, ambos os autores apresentam a forma complexa do processo de distribuição de bens materiais e imateriais que sustentam o sistema capitalista. O que é preciso ressaltar é que o espaço predominante em que se manifestam esses fenômenos é o espaço urbano e sua relação com as cidades contemporâneas.

Se as cidades contemporâneas são, cada vez, mais o espaço do capitalismo, pode-se então dizer que nelas se manifestam todas as suas contradições. Para Santos (2008) esses espaços representados por um sistema de objetos e ações são carregados de ideologias hegemônicas e contra hegemônicas. São espaços, acima de tudo, contraditórios diante da dialética do capitalismo. Ele mesmo escreveu em outra obra que: “o espaço que une os homens por conta do sistema produtivo é o mesmo espaço que os separa por esse mesmo sistema produtivo.” (SANTOS, 2004, p. 33). Então, o espaço com seu sistema de objetos e ações atrai o ser humano para se inserir na lógica do capitalismo. Este mesmo espaço que exerce força de atração e une as pessoas em seu ambiente é o mesmo espaço que proporciona a segregação das mesmas por conta de suas situações sociais.

AS CIDADES COMO ESPAÇO DO HEGEMÔNICO SEGUNDO MILTON SANTOS

Se a Geografia é uma ciência de objetos, o espaço é concebido de um sistema de objetos carregados de força ideológica (SANTOS, 2008). Essa força ideológica se manifesta nas ações humanas que criam os objetos, contudo, estes objetos também reproduzem ideologias e permitem a continuidade de tais ações.

Partindo dessa premissa, o espaço (sistema de objetos) é produto social (sistema de ações) e ao mesmo tempo se torna um instrumento de reprodução social. Para tanto, a engenharia espacial à qual Santos se refere está carregada de intencionalidades que fazem deste espaço um instrumento ideológico.

As ações humanas são carregadas de intencionalidades e estas se apresentam de duas formas básicas: Ações do cotidiano e as ações hegemônicas.

² Por conta da questão de gênero na ciência, vou aqui substituir, nas análises feita por mim, o termo “homem” de Milton Santos por ser humano, entendendo ser esta a intenção do autor ao utilizá-lo.

Na sociedade atual, várias ações são estranhas aos lugares e aos homens, são carregadas de racionalidades e normas hegemônicas que se confrontam com o cotidiano (SANTOS, 2008).

Com o sistema de redes que conecta as cidades umas às outras, gerando grande fluxo de idéias e mercadorias, os objetos são compartilhados numa dimensão global e numa dimensão local. Há, nesse sentido, duas dimensões da força dos objetos sobre o espaço e sociedade: a força hegemônica que compartilha os objetos globalizados e globalizantes e a força local, que contrapõe os objetos mundiais com a exposição e inserção de objetos locais. Portanto, nas cidades encontramos espaços contraditórios num mesmo mosaico de paisagens.

Se as cidades são conjuntos de objetos e ações que expressam o sistema capitalista e sua ideologia hegemônica. Nessas mesmas cidades encontramos objetos e ações que proporcionam espaços que negam ou contrapõem o hegemônico. Contudo, Santos e Silveira (2001) se equivocam ao analisar a força dos fatores hegemônicos capitalistas sobre o território do Centro-Oeste Brasileiro. Os autores tratam a chegada da "modernidade" em um dado espaço passivo e "vazio", proporcionando espaços completamente dominados pela hegemonia "invasora".

Nas áreas pouco povoadas do Norte e do Centro-Oeste, a modernidade (referimo-nos aqui à modernidade posterior à Segunda Guerra Mundial) se implanta sobre o vazio e desse modo não encontra obstáculos das heranças. (SANTOS & SILVEIRA, 2001, p. 274)

Ao contrário do que dizem os autores, Goiânia, por exemplo, é uma metrópole com todos os requintes de uma cidade mundializada, urbana e moderna, porém está carregada de objetos e ações que se traduzem em espaços regionais, rurais e "arcaicos" com ruralidades nas ações de seus sujeitos (OLIVEIRA, 2008). Essa ruralidade expressa nos espaços goianienses afirmam a existência de movimentos, muitas das vezes involuntários, de resistência ao mundo moderno, contemporâneo e de sua hegemonia capitalista industrial, portanto, urbana.

A teoria de Milton Santos sobre os espaços que expressam a força da ideologia hegemônica em contradição aos objetos e ações que expressam a resistência a esta força ideológica e criam, portanto, espaços contraditórios num mesmo território, precisa ser levada em consideração em todos os ambientes brasileiros e não somente nas regiões mais antigas neste processo de urbanização. O que está no centro da questão, na verdade, é a existência de um sistema de redes que intensificam o fluxo de mercadorias, capitais e relações sociais gerando sociedades de sujeitos e espaços contraditórios.

AS REDES E AS RELAÇÕES SOCIAIS NA PÓS-MODERNIDADE: ESPAÇO, TEMPO E SUJEITO

A sociedade contemporânea é marcada pela existência de uma grande camada de sujeitos e instituições que se encontram à procura de identidades individuais e coletivas. Sujeitos muitas das vezes carregados de múltiplas identidades (HALL, 1997) que produzem espaços institucionais ou não, também carregados de múltiplas dimensões sociais. Assim se caracterizam as cidades contemporâneas. Cidades do "individualismo-coletivo", se é que se pode dizer assim, desse emaranhando de elementos socioespaciais que constituem os espaços urbanos.

As cidades das gangues, dos guetos, das tribos, das instituições tradicionais, das novas instituições, dos sujeitos fragmentados e dilacerados diante de um universo de possibilidades ideológicas que circulam pelas redes de relações sociais virtuais ou não. Ao falar das transformações do mundo contemporâneo, das novas relações de trabalho, da economia e do papel das instituições tradicionais da política, da religião e do estado, Castells (2003), faz referência à existência de uma profunda crise nos sujeitos, nos movimentos sociais, nas instituições como família, igreja e estado, tidos por muitos filósofos e cientistas como a pilastra de sustentação do sistema capitalista.

As mudanças sociais são tão drásticas quanto os processos de transformação tecnológica e econômica. Apesar de todas as dificuldades do processo de transformação da condição feminina, o patriarcalismo foi atacado e enfraquecido em várias sociedades. Desse modo, os relacionamentos entre os sexos tornaram-se, na maior parte do mundo, um domínio de disputas, em vez de uma esfera de reprodução cultural. Houve uma redefinição fundamental de relações entre mulheres, homens, crianças e, conseqüentemente, da família, sexualidade e personalidade.

A consciência ambiental permeou as instituições da sociedade, e seus valores ganharam apelo político a preço de serem refutados e manipulados na prática diária das empresas e burocracias. Os sistemas políticos estão mergulhados em uma crise de legitimidade, periodicamente arrasados por escândalos, com dependência total de cobertura da mídia e de liderança personalizada e cada vez mais isolados dos cidadãos. Os movimentos sociais tendem a ser fragmentados, locais, com objetivo único e efêmeros, encolhidos em seus mundos interiores ou brilhando por apenas um instante em um símbolo de mídia. (CASTELLS, 2003, p. 40-41)

As cidades que antes expressavam as lutas de classes com territórios bem definidos em que a burguesia e o proletariado se posicionavam e se separava nos espaços urbanos, entre centros e periferias ou bairros burgueses e bairros proletários, agora se vê mergulhada numa imensidão de movimentos sociais que se multiplicam e aglutinam, cada vez mais, as massas de sujeitos que buscam uma identidade coletiva. Assim, grupos de hip-hop, homossexuais, torcidas de futebol, pichadores, ambientalistas, feministas, negros entre outros, emergem nas cidades proporcionando a forçosa readaptação de grandes grupos sociais tradicionais como os religiosos, os criminosos e os trabalhadores que disputam frente a frente a preferência dos sujeitos capturados pelos movimentos emergentes e apostam na crise de identidade dos sujeitos contemporâneos.

Nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais. O fundamentalismo religioso – cristão, islâmico, judeu, hindu e até budista (o eu parece uma contradição de termos) – provavelmente é a maior força de segurança pessoal e mobilização coletiva nestes tempos conturbados. Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca pela identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social. [...] a identidade está se tornando a principal e, às vezes, única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras. Cada vez mais, as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são. (ibidem, p. 41)

Essa sociedade definida por Castells (Op. Cit.) se materializa no espaço, criando formas e conteúdos que darão vida e movimento às cidades contemporâneas. Essa nova sociedade estabeleceu novos paradigmas que desestruturaram as velhas formas de organização social. Castells (idem) reforça e faz questão de destacar o papel técnico-informacional no processo de expansão desses novos paradigmas por todo o globo. De acordo com o que foi dito por ele, podemos dizer que a rede de comunicação que se criou possibilita que as cidades passem por processos semelhantes de transformação social, uma vez que a troca de informações é uma constante no modelo de convívio social virtual da internet, do rádio, do celular e da TV. Ele faz questão de destacar que: “*Nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a Rede e o Ser.*” (ibidem). Para ele:

Nessa condição de esquizofrenia estrutural entre a função e o significado, os padrões de comunicação social ficam sobe tensão crescente. E quando a comunicação se rompe, quando já não existe comunicação nem mesmo de forma conflituosa (como seira o caso de lutas sociais ou oposição política), surge uma alienação entre os grupos sociais e indivíduos que passam a considerar o outro um estranho, finalmente uma ameaça. Nesse processo, a fragmentação social se propaga, à medida que as identidades se tornam mais específicas e cada vez mais difíceis de compartilhar. A sociedade informacional, em sua manifestação global, é também o mundo de Aum Shinrikyo (seita Verdade Suprema), da Milícia Norte-americana, das ambições teocráticas islâmicas/cristãs e do genocídio recíproco de *hutus* e *tutsis*. (ibidem)

As análises feitas por Castells são retratos das cidades contemporâneas, pois são nesses espaços que essas “esquizofrenias” se materializam, criando e recriando espaços contraditórios, ou seja, as cidades mundializam as práticas sociais hegemônicas, no entanto, proporcionam diferentes tipos de resistências, pois estas acontecem por forças locais.

Para Harvey (2009), essas novas formas de estruturas sociais que se manifestam nas cidades contemporâneas inauguram a era da pós-modernidade na gestão urbana. O pensamento sobre o planejamento urbano dos tempos modernos trouxeram a para as cidades o comportamento reprimido por forças hegemônicas de controle social pelo espaço. Numa abordagem foucaultiana, ele afirma que os padrões arquitetônicos e as linhas de desenhos urbanos visavam a criação da “cidade ideal do sistema capitalista”, aquela que colocava cada qual em seu lugar e que expressaria o “bem estar social de todos” e, portanto, teria no Estado o seu grande agenciador e/ou controlador. O mundo pós-moderno nega tudo isso. Ele é carregado de liberdade de formas e conteúdo que transformam os espaços urbanos em verdadeiras “colchas de retalhos” que junta, mas não padroniza suas formas e conteúdos.

Os espaços particulares da cidade são criados por uma miríade de ações, todas elas trazendo a marca da intenção humana. Respondendo a Foucault, De Certeau vê a substituição diária “do sistema tecnológico de um espaço coerente e totalizante” por uma “retórica pedestre” de trajetórias que têm “uma estrutura mítica”, compreendida como “uma história construída a baixo custo a partir de elementos tomados de expressões comuns, uma história alusiva e fragmentária cujas lacunas se confundem com as práticas sociais que ela simboliza”. (2009, p. 197).

Tendo como fonte, o pensamento de De Certeau, Harvey expressa, quase que de forma semelhante a Castells, como que a sociedade, para ele, pós-moderna se comporta, porém ele busca geografizar sua teoria espacializando esses novos paradigmas, analisando, para isso, as arquiteturas, os movimentos de pessoas e as culturas. Conclui:

De Certeau define aqui uma base para a compreensão do fermento das culturas de rua populares e localizadas, mesmo expressas no âmbito da estrutura imposta por alguma ordem repressiva abrangente. “O alvo”, ele escreve, “não é deixar claro como a violência da ordem é transmutada numa tecnologia disciplinar, mas antes trazer à luz as formas clandestinas assumidas pela criatividade dispersa, tática e paliativa de grupos ou indivíduos já presos nas redes da disciplina.” A “ressurgência de práticas populares na modernidade científica e industrial”, ele escreve, “não pode ser confinada ao passado, ao campo nem aos povos primitivos”, mas “está presente no cerne da economia contemporânea”. Os espaços podem ser “libertados” mais facilmente do que Foucault imagina, precisamente por que as práticas sociais espacializam em vez de se localizarem no âmbito de alguma malha repressiva de controle social. (HARVEY, 2009, p. 197)

Diante do exposto, podemos concluir que as cidades contemporâneas expressam mais que uma lógica hegemônica da cultura universal da sociedade “pós-moderna”. Elas são a própria sociedade fragmentada e doente que se estabeleceu nos últimos anos. Seus espaços reproduzem as práticas sociais que estão cada vez mais livres de um controle visível e espacializado como previa Foucault, mas presos de uma vez por todas aos princípios do capitalismo contemporâneo, dinâmico e avassalador. Presos à fragmentação e à falta de referenciais coletivos que libertam da alienação social e da consciência de classe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cidades contemporâneas, assim como as antigas, ainda continuam sendo o local do controle hegemônico que conservam a divisão da sociedade em classes sociais, mas transforma suas práticas e métodos de controle social. Cidades de práticas sociais complexas, das múltiplas identidades, dos sujeitos fragmentados que reproduzem espaços esquizofrênicos. Reproduzindo as práticas sociais e se constituindo em espaços de territorialidades diversas, de territórios simbólicos e flexíveis.

As cidades dos espaços rugosos, de formas, estruturas e conteúdos complexos e multidimensionais em que o rural e o urbano se misturam assim como o sagrado e o profano, o moderno e o arcaico, o controle e a subversão. Enfim, as cidades das antíteses materiais e imateriais, de uma cartografia que expressa não somente espaços, mas trajetórias de vidas, ontologias espaciais. Produtos e subprodutos do liberalismo contemporâneo, de um capitalismo avassalador de almas que conserva a submissão tão forte quanto à feudal.

De vassallos modernos, donos de uma “escravidão livre” proporcionada pela alienação ideológica do sistema produtivo capitalista que controla corpos e almas. Cidades contemporâneas: “lócus” do capitalismo pós-moderno.

BIBLIOGRAFIA

- ARRAIS, Tadeu Alencar. **Geografia Contemporânea de Goiás**. Goiânia: Vieira, 2004
- BORGES, Barsanulfo Gomides. **O despertar dos dormentes : estudo sobre a Estrada de Ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais, 1909-1922**. Goiânia: UFG, 1990.
- BRAGA, Fernando Gomes. **Migração Interna e Urbanização no Brasil Contemporâneo: Um estudo da Rede de Localidades Centrais do Brasil (1980/2000)**. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Redes: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. 7ª Edição. Tradução: Roneide Vanâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2003
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- COSGROV, Denis. **Paisagens Simbólicas**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. **A caminho da Cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: [ed.] 1984.
- ESTEVAM, Luís. **O Tempo da Transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás**. Goiânia: Editora UCG, 2004.
- FERREIRA, Ademir Paceli. **O Imigrante no Espaço Urbano: impasses, estranheza e psicose**. In Scripta Nova Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales. Nº 94(24), 1 de agosto de 2001. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2001.
- GRAZIANO DA SILVA, José. **O Novo Rural Brasileiro**. 2ª Ed. Rev. 1ª Reimpr. Campinas, SP: UNICAMP.IE, 2002. (Coleção Pesquisas).
- HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 18ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- MAXIMIANO, L. A. **Considerações sobre o conceito de paisagem**. Revista. RA´E GA, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004. Editora UFPR
- MOREIRA, Ruy. **Pensar e Ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.
- OLIVEIRA, Adão Francisco de. **Goiânia Heterotópica: a integração excludente**. In OLIVEIRA, A. F. e NASCIMENTO, C. G. (Orgs.) Cidades Sustentáveis: políticas públicas para o desenvolvimento. Págs. 179-199. Goiânia: Editora UCG, 2006.
- OLIVEIRA, Lúcia Vanir Alves **A Dimensão Cultural dos Migrantes e a Formação de Territórios Nordestinos Em Caldas Novas**. Anais do II SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA “PERSPECTIVAS PARA O CERRADO NO SÉCULO XXI” Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Geografia 26 a 29 de Novembro de 2003 (encontrado no endereço www.ufu.br) (acessado em 12/12/2008)
- OLIVEIRA, Ubiratan Francisco de. **A Ruralidade Expressa nas Paisagens e nas Práticas Sociais do Goianiense na Zona Urbana de Goiânia**. Monografia de Final de Curso [Graduação em Geografia] – IESA/UFG, 2008, defesa agendada para 20/02/2009.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. Reimpressão. São Paulo: Edusp, 2008 – Coleção Milton Santos

_____. **Pensando o Espaço do Homem.** 5ª Ed. São Paulo: Edusp, 2004 – Coleção Milton Santos

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia.** 6ª Ed. São Paulo: Edusp, 2008 – Coleção Milton Santos

SANTOS, Milton & SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SPOSITO, Maria da Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização.** 15ª Ed. 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008. (Coleção: Repensando a Geografia)

ZELINSKY, Wilbur. **Introdução à Geografia da População.** Tradução: Fausto Guimarães. Revisão Técnica: Prof. Elza Coelho de Souza Keller. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

Ubiratan Francisco de Oliveira: Professor de Geografia, Mestrando em Geografia pelo Instituto de Estudos Socio-Ambientais da UFG, Coordenador do Programa de Formação Sindical e de Formação em Desenvolvimento Territorial da Escola Centro Oeste de Formação da CUT Apolônio de Carvalho.

Dra. Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira: Professora Adjunta do Instituto de Estudos Socio-Ambientais da UFG, Superintendente de Educação a Distância da Secretaria de Estado da Educação de Goiás, Professora do Programa de Pós-Graduação do IESA/UFG.